RBTCC
e-ISSN: 1982-3541
Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva
ABPMC
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO COMPORTAMENTO

Gênero na Prática Clínica Analítico-Comportamental: Revisão Sistemática da Literatura

Sistematic Literature Review: Gender in Analytic-Behavioral Clinical Practice Abstract

Revisión Sistemática de la Literatura: Género en la Práctica Clínica Analítico-Conductual

Amanda Cordeiro Silva [1]
Gabriela Rossetti Chalella [1]
Aline Picoli [1]
Natalia Maria Aggio [1]

[1]Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília

Correspondente
* natalia.aggio@unb.br

RESUMO: Pesquisas indicam diferenças de gênero no diagnóstico e nos sintomas experienciados por homens e mulheres em relação a transtornos mentais. Este trabalho apresenta uma revisão sistemática da literatura sobre contribuições analítico-comportamentais em relação às variáveis de gênero na clínica. A busca foi realizada por meio do método PRISMA de setembro a novembro de 2023 na base de dados PsycINFO e em periódicos nacionais e internacionais. Foram usadas palavras-chave como "questões de gênero" e "terapia analítico-comportamental". 11 artigos atenderam aos critérios de elegibilidade e foram considerados para análise. Os principais temas abordados pelos artigos da amostra foram: intersecção entre teorias feministas e a clínica comportamental, variável gênero na produção de conhecimento em clínica, masculinidade na clínica, e pautas de relevância comunitária. Na discussão desta revisão, discorre-se sobre a necessidade do treinamento de pesquisadores e psicoterapeutas para adotarem um olhar gendrado e atenção às contingências no nível cultural em suas análises.

Palavras-chave: Gênero; Clínica; Psicoterapia; Feminismo; Analítico-Comportamental.

ABSTRACT: Researches indicate gender differences in the diagnosis and symptoms experienced by men and women concerning mental disorders. This paper presents a systematic review of the literature on behavior-analytic contributions in relation to gender variables within the scope of clinical psychology. The search was conducted using the PRISMA method between September and November of 2023 in the PsycINFO database and in national and international journals. Keywords such as "gender issues" and "behavior analytic therapy" were used. 11 articles met the eligibility criteria and were considered for analysis. The main themes covered by the articles from the sample were: intersection between feminist theories and the behavioral clinic, gender variable in knowledge production in the clinic context, masculinity in the clinic, and agendas of community relevance. The need to train researchers and therapists to adopt a gendered approach and to be attentive to contingencies at the cultural level in their analyses was discussed.

Dados do Artigo
DOI: 10.31505/rbtcc.v26i1.1965
Recebido: 05 de Junho de 2024
1º Decisão: 18 de Dezembro de 2024
Aprovado: 18 de Dezembro de 2024
Publicado: 20 de Dezembro de 2024
Editor-Chefe: Dr. Fábio Henrique Baia
Editor-Responsável: Dr. Fábio Henrique Baia
Editor-Adjunto: Prof. Dr. Angelo A. S. Sampaio
Editor Associado: Alana dos Anjos Moreira
Estagiário: Lucas Medeiros de Paula

Declaração: Os autores ACS, GRC, AP e NMA declaram não ter nenhum conflito de interesses.

Como citar este documento
Silva, A. C., & Chalella, G. R., & Picoli, A., & Aggio, N. M. (2024). Gênero na Prática Clínica Analítico-Comportamental: Revisão Sistemática da Literatura. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva,* 26, 157-173. https://doi: 10.31505/rbtcc.v26i1.1965

CC BY OPEN ACCESS
É permitida a distribuição, remixe, adaptação e criação a partir deste trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

Keywords: Gender; Clinic; Psychotherapy; Feminism; Analitc-Behavioral.

RESUMEN: Investigaciones indican diferencias de género en el diagnóstico y los síntomas que experimentan hombres y mujeres con los trastornos mentales. Este trabajo presenta una revisión sistemática de la literatura sobre contribuciones del análisis conductual en relación con las variables de género en la psicología clínica. Fue utilizado el método PRISMA entre septiembre y noviembre de 2023 en la base de datos PsycINFO y en revistas nacionales e internacionales. Fueron utilizadas palabras clave como "gender issues" y "behavior analytic therapy". 11 artículos cumplieron los criterios de elegibilidad y fueron considerados para el análisis. Los principales temas fueron: intersección entre las teorías feministas y la clínica comportamental, variable de género en la producción de conocimiento en la clínica, masculinidad en la clínica y directrices de relevancia comunitaria. Se debatió la necesidad de formar investigadores y psicoterapeutas con enfoque de género y que estén atentos a las contingencias culturales en sus análisis.
Palabras clave: Género; Clínica; Psicoterapia; Feminismo; Analítico-Conductual.

O sexismo, definido como preconceito, estereótipos e discriminação baseada em gênero, por muito tempo não recebeu grande atenção da comunidade de analistas do comportamento (Baires & Koch, 2019). Maria Ruiz (1998; 2003) foi pioneira nas discussões sobre gênero realizadas na Análise do Comportamento. A autora traduziu e identificou pontos filosóficos que convergem e divergem em debates de gênero, feminismo e a ótica comportamental. A perspectiva proposta por Ruiz (2003), que se refere à "*doing gender*" ou "*gendering*", propõe olhar para o fenômeno como práticas de gênero. Ou seja, é uma perspectiva anti-essencialista (Silva & Laurenti, 2016) que identifica o gênero como um produto de contingências sociais específicas, com base em um referencial fisiológico. Dessa forma, a diferença da frequência de comportamento relacionado a violência física entre homens e mulheres no Brasil provavelmente é produto de contingências sociais específicas que selecionam tal comportamento em homens e não uma caraterística inerente ao sexo masculino.

A discussão acerca do tema apresenta uma série de desafios, como a representação em diferentes culturas do que é gênero (Nicolodi & Hunziker, 2021), a definição do próprio conceito de gênero (Mizael, 2019) e a dificuldade do controle de variáveis sociais, visto que a seleção de comportamentos representativos de gênero acontece desde a infância, passando por toda vida adulta (Picoli, 2023). Além disso, a desigualdade entre os gêneros ocorre, muitas vezes, de forma sutil na sociedade (Ruiz, 1998). No Brasil adiciona-se o fato de, apesar da psicologia ser um curso majoritariamente feminino, a presença feminina deixa de ser maioria na pós-graduação e na docência, o que pode impactar na produção de conhecimento a esse respeito (Silva & Arantes, 2019). Como aponta Saffioti (1976), a inserção das mulheres na academia é um elemento essencial ao observar o aumento da produção científica que aborda questões de gênero.

Dados recentes apontam para um aumento no interesse em estudos tanto conceituais como experimentais sobre práticas de gênero. Por exemplo, Cravo et al. (2022) aponta que houve um aumento nas produções sobre sexualidade e gênero a partir de uma perspectiva analítico-comportamental. Do mesmo modo, Couto e Dittrich (2017) identificaram um aumento na produção de pesquisas que estabelecem diálogo entre feminismo e a análise do comportamento. Porém, ainda é preciso ultrapassar para um contexto de aplicabilidade em ambientes de atuação profissional variados, sendo um desses contextos, a clínica.

Nesse sentido, a literatura indica que há uma diferença de gênero tanto no diagnóstico quanto nos sintomas experienciados por homens e mulheres em relação a transtornos mentais (Sigmon et al., 2007). Conforme Pinheiro e Oshiro (2019) destacam que no atendimento de mulheres, o terapeuta deve estar atento: (1) a invalidação sistemática de queixas e de sentimentos das mulheres; (2) as exigências

desiguais da sociedade em relação aos homens e as mulheres; e (3) a possibilidade de exposição sistemática a abusos e violências. Segundo Backschat e Laurenti (2023), contingências patriarcais podem estar diretamente relacionadas a queixas de mulheres na clínica, uma vez que essas passam por um processo estrutural de desvalorização do feminino.

Apesar da importância do olhar gendrado[1] para a aplicação clínica, a produção de conhecimento neste sentido parece ser ainda incipiente. Por exemplo, em uma reanálise de estudos de casos clínicos publicados na revista analítico-comportamental, Perspectivas em Análise do Comportamento, Backschat e Laurenti (2023) identificaram que dos 25 artigos analisados, apenas um levantava variáveis relacionadas à gênero. Em geral, as autoras destacaram que os apresentaram análises ontogenéticas das queixas, deixando de fora variáveis culturais relevantes.

Mizael e Ridi (2022), por exemplo, destacaram o subdiagnóstico de meninas autistas[2] e apontam que uma das hipóteses para esse subdiagnóstico pode estar relacionado aos critérios diagnósticos estabelecidos, visto que esses estariam mais relacionados com as características apresentadas por meninos. Para além de análises binárias, Misra et al. (2023) realizaram uma revisão sobre ensaios clínicos randomizados tendo como referencial a Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT), conforme os autores dos 75 estudos analisados, apenas um estudo reportava ter participantes não binários (i.e., 2% dos participantes se identificaram como não binários).

Nesse sentido, a ausência de um olhar gendrado na prática clínica pode gerar impactos significativos nesse contexto de atuação, tais como: a produção de conhecimento que leva em consideração essa variável (Couto & Dittrich 2017; Silva & Arantes, 2019), no desenvolvimento de tecnologias comportamentais para aplicação em contexto clínico (e.g., Mizael & Ridi 2022), e no desenvolvimento de habilidades do terapeuta a fim de não ser uma audiência que perpetua contingências discriminatórias (e.g., Assaz et al. 2016).

Portanto, a fim de colaborar para a compreensão do impacto das influências do sexismo na sociedade e mudança dessa realidade, o presente trabalho teve como o objetivo realizar uma revisão sistemática da literatura sobre contribuições da Análise do Comportamento em relação a pesquisas que exploraram diferenças em contingências envolvidas em comportamentos baseadas em gênero e apontaram contribuições para a psicologia clínica.

Método

Para a presente revisão sistemática da literatura, foi utilizado o método PRISMA (Figura 1). A busca foi realizada no período de setembro a novembro de 2023 na base de dados PsycINFO, nas revistas internacionais *Behavior and Social Issues*, *The analysis of Verbal Behavior*, *The Behavior Analyst*, *Behavioral Interventions*, *International behavioral Consultation and Therapy e Behavior Therapy*, e nas revistas brasileiras *Perspectivas em Análise do Comportamento*, *RBTCC*, *REBAC*, *Acta Comportamentalia*. Na base de dados e nas revistas internacionais foram usadas as palavras-chave: "*gender issues*", "*feminism*", "*opression*" e "*gender modification*" junto com os termos "*behavior analysis*", "*behavior therapy*" e "*behavior modification*". Também foram utilizados os seguintes termos em português na base de dados e na busca feita em periódicos nacionais: "questões de gênero", "feminismo", "opressão" e "violência de gênero" junto com os termos "análise do comportamento", "terapia analítico

[1] O termo gendrado descreve análises baseadas em gênero que permitem observar comportamentos selecionados de maneiras diferentes a partir de contingências sociais patriarcais, o que por vezes explica, inclusive, aspectos do sofrimento humano (Backschat e Laurenti, 2023; Zanello, 2018).

[2] Escolhemos utilizar o termo "meninas autistas" ao invés da expressão "com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista", uma vez que o movimento autista no Brasil vem preferindo essa terminologia. Essa decisão se baseia também no Pacto pela Neurodiversidade (Rogoski et al., 2024), que estipula ações como escutar e respeitar pessoas autistas.

comportamental" e "modificação do comportamento".

Critérios de seleção

Foram incluídos artigos que abordavam contingências diferenciais aplicadas a pessoas baseadas em seu gênero (e.g., trabalho, sexualidade, etc.), pela ótica da análise do comportamento em contexto clínico. Foram excluídos trabalhos de natureza diferente de artigos científicos e artigos que não estavam nos idiomas inglês, português ou espanhol.

Análise de dados

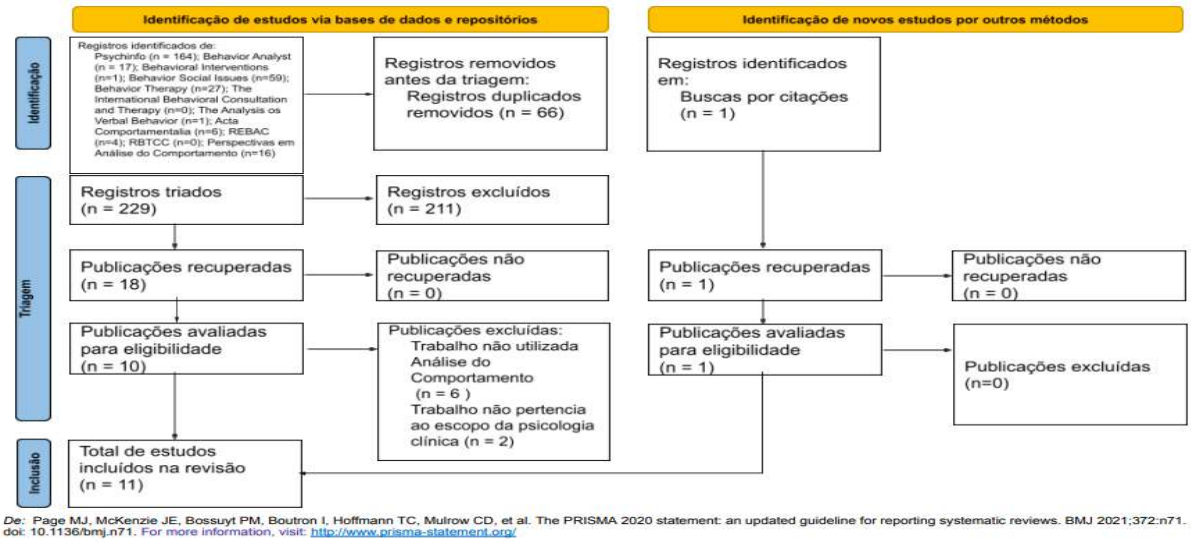
A busca foi realizada de modo independente pelas três primeiras autoras do presente trabalho. A partir da leitura dos títulos foram excluídos os artigos duplicados. A partir da leitura dos resumos foram aplicados os critérios de exclusão (ver Critérios de seleção). Após a seleção dos trabalhos, as referências dos artigos foram analisadas e foram incluídos artigos que atendessem aos critérios estabelecidos. Esse resultado final, obtido por cada avaliadora, foi comparado e foi calculada a porcentagem de concordância. Este cálculo considerou como denominador o número total de artigos lidos e, como numerador, o número de artigos que as autoras avaliaram de forma similar. Quando havia divergência por pelo menos uma das autoras, as pesquisadoras discutiam até chegar em um consenso. Caso o consenso não fosse atingido, a quarta autora do artigo era consultada. Após as discussões, foi calculada novamente a porcentagem de concordância. As informações referentes aos artigos foram organizadas em um arquivo por tipo de documento, título, resumo, autor e palavras-chave.

Resultados

A busca resultou em 295 resumos – 164 no PsychInfo, 105 em revistas internacionais e 26 em revistas nacionais. Após a exclusão das duplicatas e aplicação dos critérios de exclusão, foram considerados para análise dez trabalhos. Um trabalho foi adicionado a partir da análise das referências dos artigos obtidos da primeira amostra. Foram, portanto, considerados para esse estudo 11 trabalhos ao todo (ver Tabela 1). A porcentagem de concordância foi de 80%. Após discussão, a porcentagem de concordância foi de 100%.

Cinco artigos foram encontrados em língua portuguesa - quatro na revista *Perspectivas em Análise do Comportamento* e um deles na *Acta Comportamentalia*. Cinco foram encontrados em língua inglesa - dois deles na *Behavior Therapy*, um na *Psychotherapy*, um na *Behavior and Social Issues* e um no *Journal of Applied Behavior Analysis* (JABA). A leitura das referências dos artigos selecionados resultou na inclusão de apenas um artigo. Este foi escrito na língua portuguesa e publicado na revista *Psicologia: Teoria e Prática*. Todos os artigos encontrados envolveram análises conceituais ou revisões de literatura. A Tabela 1 apresenta os artigos selecionados, os autores, ano de publicação e revista publicada.

Figura 1. *Diagrama PRISMA*



De: Page MJ, McKenzie JE, Bossuyt PM, Boutron I, Hoffmann TC, Mulrow CD, et al. The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. BMJ 2021;372:n71. doi: 10.1136/bmj.n71. For more information, visit: http://www.prisma-statement.org/

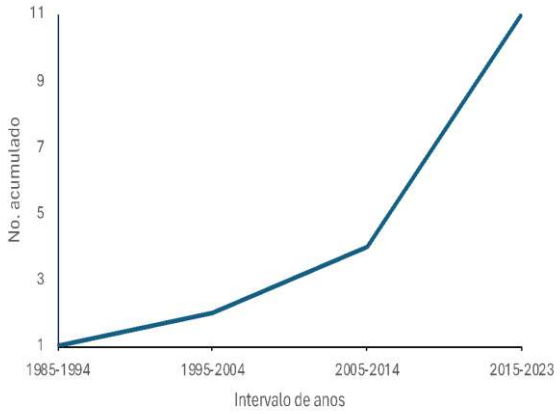
Tabela 1. *Nome dos autores, ano de publicação, título do trabalho e nome do periódico*

Autores	Ano	Título	Revista
Ipsaro	985	Male client - male therapist: Issues in a therapeutic alliance	Psychotherapy
Myers	995	Eliminating the battering of women by men: Some conditions for behavior analysis	Journal of Applied Behavior Analysis
Sigmon et al.	007	Are We There Yet? A Review Gender Comparisons in Three Behavioral Journals Through t 20th Century	Behavior Therapy
Fideles et al.	014	Psicoterapia Analítica Funcional feminista: feminista: possibilidades de um encontro*	Psicologia: Teoria e Prática
Guerin & Ortolan	017	Analyzing Domestic Violence Behaviors in Their Contexts: Violence as a Continuation of Social Strategies by other Means	Behavior and Social Issues
Carneiro & Santos	021	Valores Feministas na Clínica Comportamental: Reflexões Baseadas em bell hooks	Acta Comportamentalia
Kuratani et al.	022	A ética amorosa de bell hooks e a FAP: Interlocuções entre feminismo negro e clínica comportamental	Perspectivas em Análise do Comportamento
Mizael & Ridi	022	Análise do comportamento aplicada ao autismo e atuação socialmente responsável no Brasil: Questões de gênero, idade, ética e protagonismo autista	Perspectivas em Análise do Comportamento
Plessy et al.	022	The Influence of Race and Inc on Community Mothers' Acceptance of Child Management Methods	Behavior Therapy
Backschat & Laurenti	023	Análise gendrada de queixas clínicas: uma abordagem feminista de gênero	Perspectivas em Análise do Comportamento
Rocha Junior et al.	023	Potenciais efeitos da socialização masculina no desenvolvimento de habilidades terapêuticas	Perspectivas em Análise do Comportamento

*Artigo selecionado a partir das referências dos artigos encontrados nas buscas realizadas em base de dados e revistas.

Até o ano 2010 foram encontrados três artigos - o primeiro publicado em 1985. A partir de 2010, foram encontrados oito artigos. Dessa forma, a média de publicação foi de 0,28 artigos por ano. Entre 1985 e 2010 a média foi de 0,12 artigos por ano. Entre 2011 e 2023, foi de 0,72, o que indica um aumento na produção. A Figura 2 apresenta a curva acumulada das publicações.

Figura 2. *Curva acumulada de publicações entre os anos de 1985 e 2023*



Os artigos encontrados foram agrupados em quatro grupos: (1) Intersecção entre teorias feministas e a clínica analítico-comportamental, encontrada em três artigos. Dois deles propuseram interlocuções entre a prática clínica e a obra de *bell hooks*[3] (Carneiro & Santos, 2021; Kuratani et al., 2022) e em um artigo abordou a intersecção entre a Terapia Feminista[4] e a Terapia Analítico Funcional (Fideles et al., 2014). Três outros artigos abordaram a discussão sobre a (2) variável de gênero na produção de conhecimento na clínica analítico-comportamental (Backschat & Laurenti, 2023; Mizael & Ridi, 2022; Sigmon et al., 2007). Dois artigos abordaram a questão da masculinidade tanto na relação terapêutica (Ipsaro, 1985) quanto na formação de terapeutas (Rocha Junior et al., 2023) e foram alocados no grupo (3) Masculinidade na prática clínica. Em um quarto grupo, foram alocados outros três artigos em que os autores abordaram (4) Pautas de relevância comunitária por uma perspectiva clínica comportamental (Guerin & Ortolan, 2017; Myers, 1995; Plessy et al., 2022).

[3] Autora estadunidense que explora a intersecção entre temas como raça, gênero e classe.
[4] Apesar de não haver consenso sobre o uso da expressão "terapia feminista", pode se considerar feminista toda terapia que utilizar de teoria e práticas feministas no processo terapêutico. (Neves & Nogueira 2004).

1. Intersecção entre teorias feministas e a clínica comportamental

O trabalho de Carneiro e Santos (2021) utilizou o recorte proposto por bell hooks e sua proposta feminista para analisar a possibilidade de uma prática clínica analítico-comportamental embasada nos valores feministas, sendo eles: (1) a conscientização estaria relacionada com a discriminação das variáveis que resultam em opressão; (2) o enfrentamento está relacionado com a emissão de respostas de contracontrole; (3) a solidariedade com a possibilidade de se criar uma comunidade verbal não punitiva; (4) a libertação pode ser entendida como a possibilidade de escolha e de comportamentos que produzam reforçamento positivo; (5) a partilha se relaciona com operacionalizar pensamento crítico; (6) o poder de fala, com o silenciamento de parte da população como uma prática cultural; (7) o amor, enquanto prática de reforçar positivamente o comportamento do outro ; e (8) a igualdade, enquanto possibilidade generalizada de acesso a reforçadores. Conforme destacado pelas autoras, apesar de variáveis de gênero terem constituição em âmbito político e social, elas perpassam queixas individuais e comuns da clínica e que o espaço terapêutico deve ser um local para que as clientes possam discriminar as variáveis que afetam seu comportamento, levando em consideração características de raça, gênero, classe, entre outras.

A interseccionalidade entre as minorias mulheres e a população negra também foi adereçada no ensaio teórico de Kuratani et al. (2022). As autoras utilizaram a teoria de bell hooks, especialmente sobre sua proposta de uma ética amorosa, como um guia para a formação de terapeutas da Psicoterapia Analítico Funcional (FAP). Destacaram que a população negra é alvo de sistemáticas ações de violência e que, com isso, acesso a relações pautadas no amor seria um ato revolucionário e antirracista. A mulher negra sofre ainda mais agressões estruturais na sociedade, têm menos probabilidade de se envolver em relações amorosas e, como isso, está mais vulnerável a relações abusivas. As autoras observam a falta de contextualização de questões raciais no *setting* terapêutico, e que muitos clientes relatam situações de violência neste ambiente, seja por meio de comportamentos explicitamente racistas ou pela invalidação de queixas relacionadas a questões raciais. Segundo as autoras, terapeutas FAP deveriam buscar letramento racial. O trabalho apresenta, assim, possibilidades de uma relação entre a FAP e as teorias feministas e raciais. A teoria de bell hooks se destaca nessa relação ao propor o amor como um conjunto de comportamentos, se mostrando em consonância com a visão behaviorista.

Fideles et al. (2014), a partir de um artigo de revisão teórica, propuseram um diálogo entre a Terapia Feminista (TF) e a Terapia Analítico Funcional (FAP). Uma das características apontadas pelas autoras como parte da TF é o comportamento da terapeuta de minimizar ativamente a possibilidade de uma relação de poder entre terapeuta e cliente, a partir da autorrevelação de seus valores pessoais. Esse processo é condizente com a FAP que se utiliza da relação terapêutica como ferramenta do processo terapêutico. Enquanto para a TF fazer parte de um ambiente com relações de poder e privilégio podem colaborar para o adoecimento, para a FAP, as contingências observadas em relações interpessoais podem estar relacionadas às queixas clínicas. Também há semelhanças nos objetivos terapêuticos, a TF visa empoderar a cliente para que ela produza mudança em suas relações sociais, a FAP busca criar repertórios para que a cliente seja capaz de alterar as contingências de sua vida, em ambos os casos, há uma leitura que o cliente tem papel ativo no próprio processo de mudança.

Ainda conforme Fideles et al. (2014) a diferença encontrada entre elas é a motivação por trás das análises, enquanto a TF parte de uma perspectiva política e social, a FAP pode chegar às mesmas conclusões com análises funcionais. Enquanto a TF propõe um ambiente terapêutico não pautado em uma relação de poder por considerar

injusto com a cliente, a FAP pode fazer o mesmo por compreender que uma relação terapêutica pautada na horizontalidade entre cliente e terapeuta será mais efetiva. As autoras concluem que as duas abordagens são compatíveis e a junção pode ser positiva.

2. Variável de gênero na produção de conhecimento na clínica analítico-comportamental

O trabalho de Backschat e Laurenti (2023) investigou as análises de gênero que ocorreram em estudos de caso desenvolvidos por analistas do comportamento. Elas iniciam o artigo apresentando a importância de se levar em consideração práticas culturais – em especial chamam atenção para questões de gênero – nos atendimentos psicoterápicos, uma vez que o comportamento é fruto das variáveis presentes nos três níveis de seleção.

Para a investigação, Backschat e Laurenti (2023) pesquisaram relatos de casos publicados na Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva (RBTCC) sob a perspectiva comportamental. As autoras realizaram uma busca que abarcou artigos desde 1999 a março de 2021, selecionando a partir de termos relacionados a problemática de gênero e leitura para verificação. Foram encontrados 21 artigos que totalizaram 25 estudos de caso, com a maioria (72%) de clientes mulheres.

Em análise das diferenças de queixas clínicas, Backschat e Laurenti (2023) notaram que para as mulheres prevaleceu queixas de Transtorno de Ansiedade/Depressão (33,33%), enquanto para os homens foi a agressividade (57,14%). As autoras alertam, portanto, para a necessidade de olhar para além das variáveis ontogenéticas no contexto clínico, uma vez que o patriarcado é uma varável cultural que estabelece contingências diferentes para homens e mulheres.

Motivados pela ideia de que gênero é uma variável relevante em aspectos clínicos, visto a diferença em alguns diagnósticos que são dados para homens e mulheres, Sigmon et al. (2007) realizaram uma revisão sistemática da literatura em três revistas comportamentais, a fim de compreender a produção de conhecimento acerca dessa variável. De maneira geral, foi possível observar uma maior porcentagem de publicações no final da década de 90. Além do fato de que são poucos os autores interessados em estudos de gênero, sendo que a maior parte dos trabalhos analisados utilizaram o termo apenas para descrever os participantes. Sigmon et al. (2007) argumentaram que ignorar tal variável é diminuir o rigor científico em pesquisas analítico-comportamentais.

Mizael e Ridi (2022) trouxeram a discussão da variável gênero, idade, ética e protagonismo de pessoas autistas na produção de conhecimento e na prestação de serviço, em Análise do Comportamento Aplicada (ABA, ver Baer et al., 1968). As autoras problematizam a forma que as intervenções de cunho analítico-comportamental vêm sendo feitas e aplicadas ao longo do tempo, porém nem sempre com uma perspectiva ética e focada principalmente em crianças do sexo masculino. Mizael e Ridi (2022) destacam as evidências de que para serem diagnosticadas com autismo, as mulheres precisam apresentar sintomas mais severos, maior comprometimento cognitivo e comportamental quando comparadas com homens autistas. O objetivo das autoras foi analisar a quantidade de estudos compostos por mulheres adultas e mapear as disciplinas de ética ofertadas em cursos de ABA. No que diz respeito às pesquisas de gênero, as autoras encontraram 334 artigos ao buscar títulos com a palavra "*autism*" no JABA. Ao acrescentarem a palavra "*women*" ou "*female*" no título o número caiu para zero. A mesma busca foi realizada no *Journal of Experimental Analysis of Behavior* (JEAB) e não foram encontrados resultados. Não foram encontrados artigos sobre mulheres autistas em revistas brasileiras.

3. Masculinidade na prática clínica

Ipsaro (1985) iniciou um diálogo sobre a psicoterapia para homens. O autor argumenta que o

processo terapêutico poderia auxiliar os homens a compreenderem seu novo lugar na sociedade contemporânea, à época, passando por transformações que questionavam o papel social do homem. Ao mesmo tempo, elenca padrões de comportamento que poderiam dificultar o processo quando o terapeuta e o cliente são do gênero masculino, sendo eles: (1) restrição emocional; (2) homofobia; (3) restrição de comportamentos sexuais e afetivos; (4) problemas com controle de socialização, poder e competição; (5) obsessão com o sucesso; e, (6) problemas de saúde (O'Neil, 1982; Pleck, 1979, citados por Isparo, 1985). Segundo Ipsaro (1985) havia pouca literatura específica para terapia com homens, não havendo protocolos, normas ou éticas voltadas para esta população como existiam para mulheres. O autor propôs que as terapias para homens devem conter princípios de novas experiências, linguagens, *feedback* e interação; responder aos diferentes aspectos do desenvolvimento dos homens e adereçar aos esquemas cognitivos de gênero, ou seja, ao processo de organizar, selecionar, recuperar e identificar associações ligadas ao gênero. Ele afirma que a terapia comportamental e a orientação comportamental seriam as abordagens mais adequadas aos requisitos citados, pois, segundo o autor, encoraja os clientes a emitirem comportamentos mais assertivos e trabalham a modificação de repertórios para o alcance dos objetivos do cliente. Assim, este foi um trabalho que apresentou, de forma pioneira, discussões sobre a terapia para homens e a aliança terapêutica.

Rocha Junior et al. (2023) realizaram uma revisão sistemática cujo objetivo foi buscar, na literatura brasileira, informações sobre habilidades terapêuticas e debates sobre masculinidade para discutir convergências e divergências entre habilidades destacadas na área comportamental e a socialização de pessoas do sexo masculino da cultura brasileira. Os autores identificaram 94 habilidades terapêuticas, e as mais citadas foram: empatia, aceitação, autenticidade, orientação, compreensão, dar informações, solicitar informações, auto-observação, observação e reforço diferencial. As habilidades foram alocadas em diferentes categorias de análise, como: aprovação, facilitação, informação, interpretação, recomendação e outros (Del Prette & Del Prette, 2017; Zamignani & Meyer, 2011, citados por Rocha Junior et al., 2023). Os autores também operacionalizaram categorias de análise para comportamentos da masculinidade hegemônica ocidental e encontraram habilidades terapêuticas incompatíveis com características esse padrão. Portanto, segundo os autores a socialização do homem pode dificultar ou até impedir o desenvolvimento de habilidades terapêuticas importantes quando se trata da formação de terapeutas homens.

4. Pautas de relevância comunitária por uma perspectiva clínica analítico -comportamental

Myers (1995) explica e descreve as agressões contra a mulher a partir das contingências de três termos. Para o autor, o abuso verbal e físico dentro de um relacionamento são fatores que controlam o comportamento de fuga e esquiva de mulheres dentro de casa, em relação às tarefas domésticas e comportamento sexual. De forma similar, comportamentos de assertividade, recusa, contato social, busca por trabalho e educação são punidos. Por outro lado, o comportamento agressivo de um homem é constantemente reforçado negativa ou positivamente, isto é a mulher prepara a comida do cônjuge e cuida dos afazeres domésticos e filhos, permitindo com que o homem tenha mais tempo de lazer, além de estar mais frequentemente disponível para a relação sexual. A punição por comportamentos agressivos é rara para o homem, enquanto a punição para os comportamentos das mulheres relacionados a tentar sair dessa dinâmica é bastante frequente.

Guerin e Ortolan (2017) utilizam artigos já publicados para analisar os contextos em que a violência doméstica surge nos relacionamentos, bem como as suas estruturas sociais, políticas e culturais influenciam esse

comportamento sob a ótica da análise do comportamento. O principal ponto do artigo é realizar análises contextuais das estratégias de relações sociais utilizadas por homens em violência doméstica. O trabalho apresenta as seguintes conclusões: os comportamentos e estratégias abusivas (ex. violência financeira, coerção, intimidação, abuso emocional, isolamento e uso do privilégio masculino) são extensões de comportamentos e estratégias comuns; essas estratégias podem começar a partir de comportamentos ordinários e cotidianos, tais comportamentos envolvem a dinâmica marital sobre as relações de dinheiro, comentários ou ausência de comentários sobre modo de vestir ou agir, iniciativa de tomadas de decisões conjugais de maneira unilateral e etc., e escalonar, especialmente no que diz respeito a violência. Por isso, pode ser difícil identificá-las. Por meio do conhecimento é possível avisar às mulheres as dinâmicas do abuso; uma vez que é comum que a mulher seja culpada pelas atitudes abusivas.

Plessy et al. (2018) estudaram variáveis na adesão de práticas de treinamento parental. O trabalho buscou comparar práticas de maternagem de mulheres negras e brancas, de diferentes classes sociais. O estudo foi feito com 106 mulheres, sendo 58 mulheres brancas (27 delas de baixa renda e 31 de classe média alta) e 48 mulheres negras (23 delas de baixa renda e 25 de classe média alta). Foram utilizadas medidas de questionário sociodemográfico, o *Treatment Evaluation Inventory -Short Form*, uma escala com nove itens cujo objetivo é mensurar o quanto os participantes aceitam intervenções analítico-comportamentais desenvolvidas para crianças. As afirmações dizem respeito à relevância do tratamento, probabilidade de implementação e percepção de efetividade. Foi utilizado também o *Alabama Parenting Questionnaire - Parent Global Report* (APQ), um questionário de práticas parentais de 35 itens. Identificou-se que raça e classe social são fatores que influenciam a adesão das mães em diferentes práticas parentais. Mulheres brancas de diferentes classes sociais e mulheres negras de classe média alta demonstraram maior adesão para práticas de ensino envolvendo reforçamento positivo em comparação com outras estratégias como uso de medicação e punição (bater). Por outro lado, os resultados indicaram que as mulheres negras de baixa renda demonstraram maior adesão em práticas que envolviam bater, quando comparado ao reforçamento positivo, por exemplo. Os autores apontam que essa diferença pode ser explicada pela história de discriminação e desvantagens econômicas de mulheres negras estadunidenses que levou a uma cultura de valorização e respeito a autoridades como uma forma central de lidar com o comportamento de crianças, isso porquê, a desobediência em uma sociedade racista pode colocar a criança negra em perigo.

Discussão

O presente trabalho teve como objetivo fazer um levantamento de produções analítico-comportamentais que realizaram um diálogo entre questões de gênero e a prática clínica. Foram identificados 11 artigos. A maior parte foi publicada recentemente (i.e., no período de 1985 até 2023) e fez uma aproximação entre as teorias feministas e os princípios analítico-comportamentais aplicados na prática clínica.

A partir da análise realizada, foi possível observar pontos em comum levantados nas publicações e a necessidade de o analista do comportamento apresentar um olhar gendrado. Nesse sentido, para que o analista do comportamento passe a ter um posicionamento consciente sobre questões de gênero, o primeiro passo é o engajamento na produção de conhecimento acerca do assunto. Essa questão parece esbarrar na dificuldade em encontrar publicações a esse respeito, haja vista a reduzida quantidade de artigos encontrados. A maior parte dos trabalhos foi publicada a partir dos anos 2000, com aumento considerável a partir de 2020. Essa informação corrobora com pesquisas (e.g., Couto & Dittrich, 2017) que sinalizam a escassez acerca do

debate de gênero na história da Análise do Comportamento. Observa-se ainda que as publicações foram feitas por diferentes autores e em diferentes instituições, ou seja, não é possível identificar uma linha de pesquisa específica de um mesmo grupo de pesquisa, mas sim o desenvolvimento de estudos de diferentes regiões no Brasil e no mundo que utilizam do conceito (i.e., questões de gênero) para estudar os diferentes fenômenos que o envolvem.

Ainda que tenha sido observado um animador aumento na produção, chama atenção a falta de artigos empíricos. Ou seja, aparentemente as discussões ainda não produziram tecnologias comportamentais para instrumentalizar a prática clínica com olhar gendrado. Resultados parecidos foram encontrados por Cravo et al. (2022) ao analisar produções analítico-comportamentais sobre sexualidade e gênero. Os autores identificaram um aumento na produção nos últimos anos e, apesar de em sua busca os resultados terem indicado pesquisas empíricas, nenhuma delas era aplicada. Esse último dado é preocupante, dentre outros motivos, porque as práticas culturais de opressão tendem a ser invisíveis (Ruiz, 1998) e dessa forma, podem – e há indícios de que de fato são – ser perpetuadas no contexto psicoterápico (e.g., Backschat & Laurenti, 2023; Carneiro & Santos, 2021; Kuratani et al., 2022; Pinheiro & Oshiro, 2019).

A importância da inclusão das variáveis do terceiro nível de seleção na atuação clínica foi destacada em diversos trabalhos (Backschat & Laurenti, 2023; Carneiro & Santos, 2021). A incorporação desse nível nas análises permite a compreensão de práticas culturais responsáveis pela distribuição desigual de acesso a reforçadores e a consequências aversivas, que serão importantes para compreender o comportamento do cliente e do próprio terapeuta (Backschat & Laurenti, 2023; Carneiro & Santos, 2021; Picoli et al., no prelo).

Skinner já destacava a psicoterapia como uma agência de controle (Skinner, 1953), dessa forma, o terapeuta deve reconhecer e entender que seu comportamento também é fruto de contingências culturais. Só assim poderá realizar uma prática ética (Pinheiro & Oshiro, 2019). Por exemplo, Zin et al. (2022) destacam a importância do treinamento de terapeutas que atuam no processo de transição de pessoas transgênero a fim de não perpetuar práticas cis normativas ou que não respeitem a fluidez de gênero. Neste sentido, chama a atenção a análise de Rocha Junior et al. (2023) que identificaram que habilidades que comumente são destacadas como importantes para um terapeuta são incompatíveis com padrões de comportamentos tipicamente relacionados à masculinidade.

As características masculinas também foram destacadas por Ipsaro (1985). O artigo, que foi o mais antigo encontrado na busca, discute como a análise do comportamento poderia contribuir para a formação de terapeutas homens. Embora o autor não se restrinja somente a termos utilizados na análise do comportamento para a escrita do artigo, para ele, esta abordagem atenderia às necessidades de profissionais homens com maior eficácia se comparada a outras abordagens (e por essa razão o artigo foi incluído na análise).

A maior parte dos artigos utilizou o conceito de gênero associado ao conceito de feminismo, tanto na tentativa de realizar interlocuções entre as teorias feministas e aplicações clínicas (Carneiro & Santos, 2021; Fideles et al., 2014; Kuratani et al., 2022), quanto ao realizar análises dos dados produzidos (Backschat & Laurenti, 2023). É possível que esses resultados estejam relacionados à inclusão da palavra "feminismo" nas buscas. Essa associação é importante e justifica-se ao entender que o feminismo é um movimento social e político que tem entre seus principais focos estudar relações de gênero, fornecendo, portanto, uma base epistemológica aos estudos de gênero. Aponta-se ainda que o feminismo não é um movimento monolítico (Mizael 2019; Zanello, 2018), por isso é improvável que seja possível encontrar o conceito de gênero descrito de uma única forma, sem associar às diferentes perspectivas feministas. Uma das perspectivas que foi consonante no presente trabalho é a identificação das relações de gênero como

relações de poder (Zanello, 2018). Isso fica bastante claro nos trabalhos que procuraram identificar as contingências envolvidas em relacionamentos abusivos (Guerin & Ortolan, 2017; Myers, 1995).

Nos trabalhos que realizaram a descrição do conceito de violência doméstica (Guerin & Ortolan, 2017; Myers, 1995) há um exercício de realizar explanações sobre como se configuram esses relacionamentos, entendendo-as a partir de um processo de hierarquização. Esses autores entendem que descrever a violência doméstica de maneira funcional é fundamental para que o psicólogo clínico se aproxime de melhores intervenções que proporcionam ajuda segura às vítimas (Guerin & Ortolan, 2017; Myers, 1995). Para além disso, nota-se que esses trabalhos (Guerin & Ortolan, 2017; Myers, 1995) não se baseiam na descrição do conceito de gênero, mas abarcam a análise de queixas gendradas da clínica, relações de poder e uso de ferramentas da Análise do Comportamento para descrever e propor soluções para um formato de violência de gênero

Outro tópico abordado foi em relação ao possível efeito das variáveis de gênero sobre diagnósticos e sintomas, apontando para uma negligência nesse tema de estudo (Backschat & Laurenti, 2023; Mizael & Ridi, 2022; Sigmon et al., 2007). Avaliações diagnósticas são, por muitas vezes, baseadas na topografia dos comportamentos e não em sua função, por isso, variáveis como gênero, classe e raça podem influenciar a forma que os sintomas se apresentam e confundir o processo diagnóstico. Apesar dos artigos desta revisão focarem em produções analítico comportamentais, sabe-se que essa é uma crítica generalizada. Goldie et al. (2024) apontam que é comum mulheres com diagnóstico tardio de Autismo serem erroneamente diagnosticadas com Transtorno de Personalidade Borderline. Isso ocorre por algumas semelhanças de topografias entre os sintomas. Soffer et al. (2007) apontam que grande parte dos estudos sobre o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) foram feitos majoritariamente com sujeitos do sexo masculino e que, apesar de homens e mulheres com TDAH apresentaram níveis parecidos de prejuízo, o TDAH pode se manifestar de maneiras diferentes entre esses grupos.

Apesar de ser importante para fins de pesquisa e para formatos de intervenção em relações majoritariamente heterossexuais e cisnormativas, identificou-se que a descrição "gênero" não foi utilizada para abordar artigos com a temática de transsexualidade ou que abordassem gênero por uma perspectiva não binária. Talvez o uso de palavras-chaves como LGBTQIA+ ou transgeneridade como aponta Mussi e Malerbi (2020) possibilitaram achados de estudos com essa temática. Porém, Mussi e Malerbi (2020) também identificaram essa lacuna ao revisar estudos que utilizaram terapias afirmativas. Desses, 85% dos estudos tiveram como participantes homens gays cisgênero. Sendo que, apenas 1% incluíram participantes transgênero.

Provavelmente uma das maiores dificuldades encontradas na presente pesquisa foi a própria descrição de gênero e como era utilizada em pesquisas da área. Essa foi uma dificuldade que pôde ser observada também no trabalho de Backschat e Laurenti (2023), por exemplo. Essas autoras notaram uma grande diferença entre a quantidade de estudos de casos publicados que continham a palavra gênero para descrever os participantes (como masculino e feminino), em relação aos trabalhos que faziam análises baseadas no próprio conceito.

É importante destacar que a presente pesquisa não pretendeu esgotar todas as contribuições analítico-comportamentais que abordaram questões de gênero e o contexto clínico. Conforme já apontado, outras palavras-chave poderiam ter sido usadas e muitos outros artigos que não pretendem deliberadamente fazer essa aproximação podem também subsidiar o trabalho do terapeuta. Por exemplo, trabalhos sobre relações de controle de estímulos (Cartwright et al., 2016; Rabelo et al., 2014; e.g. Rosendo & Melo, 2018; Picoli, 2023), sobre cultura do estupro (e.g. de Freitas & Morais, 2019) sobre violências simbólicas (e.g. Fontana & Laurenti, 2020; Nicolodi &

Hunziker, 2021), e sobre gênero e feminismo por uma perspectiva analítico-comportamental (Mizael, 2019; Picoli et al., in press; Ruiz, 1995, 1998, 2003; Silva, & Laurenti, 2016). Além disso, os próprios trabalhos incluídos na seção sobre "Pautas de relevância comunitária por uma perspectiva clínica analítico-comportamental" apresentaram de forma ainda inicial a interlocução com a clínica. Foram incluídos por minimamente estabelecerem essa relação, tendo grande relevância para a área.

Por fim, notou-se que a maior parte dos artigos foram encontrados recentemente na Revista Perspectivas em Análise do Comportamento, que dedicou, em 2022, um volume especial para trabalhos com minorias e, em 2023, um volume especial dedicado a clínica e cultura. Isso aponta para a importância de iniciativas que deliberadamente promovam e incentivem as discussões sobre o assunto. É possível que a quantidade de trabalhos encontrados fosse maior se incluídos capítulos de livros e dissertações sobre o tema. Em Cravo et al. (2022), 42% dos artigos encontrados eram capítulos de livros ou coletâneas.

Baires e Koch (2019) sugerem que mudanças sociais em relação a desigualdade de gênero podem ocorrer por meio do treinamento de pesquisadores da área para que os cientistas consigam entender melhor como metacontingências participam nos processos de mudança sociais e pela leitura de textos em análise do comportamento sob uma ótica feminista. Então, embora a análise do comportamento tenha estado distante das questões de gênero por um período, seu olhar contextual coloca em posição privilegiada para produzir mudança social através do entendimento e modificação de comportamentos sexistas, bem como exercer uma análise crítica de seu papel perante a ciência (Baires & Koch, 2019).

Referências

Assaz, D. A., Vartanian, J. F., Aranha, A. S., Oshiro, C. K. B., & Meyer, S. B. (2016). Valores sob a perspectiva analíticocomportamental: da teoria à prática clínica. *Revista Brasileira De Terapia Comportamental e Cognitiva*, *18*(3), 30–40. https://doi.org/10.31505/rbtcc.v18i3.920

Backschat, L. D. P. V., & Laurenti, C. (2023). Análise gendrada de queixas clínicas: uma abordagem feminista de gênero. *Perspectivas em Análise do Comportamento,* 122-137. https://doi.org/10.18761/vecc01032023 Volume Especial sobre Clínica e Cultura.

Baer, D.M., Wolf, M.M., Risley, T.R., Some current dimensions of applied behavior analysis. J Appl Behav Anal. 1968 Spring;1(1):91-7. https://doi.org/10.1901/jaba.1968.1-91

Baires, N. A., & Koch, D. S. (2019). The Future is female (and behavior analysis): a behavioral account of sexism and how behavior analysis is simultaneously part of the problem and solution. *Behavior Analysis in Practice, 13*(1), 253-262. https://doi.org/10.1007/s40617-019-00394-x

Carneiro, K., & Santos, B. C. (2021). Valores feministas na clínica comportamental: Reflexões baseadas em bell hooks. *Acta Comportamentalia: Revista Latina de Análisis de Comportamiento, 29*(2), 61-79.

Cartwright, A., Roche, B., Gogarty, M., O'Reilly, A., & Stewart, I. (2016). Using a modified Function Acquisition Speed Test (FAST) for assessing implicit gender stereotypes. *The Psychological Record*, 66, 223-233. https://doi.org/10.1007/s40732-016-0164-5

Couto, A. G., & Dittrich, A. (2017). Feminismo e análise do comportamento: Caminhos para o diálogo. *Perspectivas em análise do comportamento, 8*(2), 147-158. https://doi.org/10.18761/PAC.2016.047

Cravo, F. A. M., Almeida-Verdu, A. C. M., & Costa-Junior, F. M. (2022). Revisão de literatura da produção analítico-comportamental nacional sobre gênero e sexualidade. *Perspectivas em Análise do Comportamento, 13*(2), 247-265. https://doi.org/10.18761/a52affa6

Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2017). Competência social e habilidades sociais: manual teórico-prático. Editora Vozes.

Fideles, M. N. D., & Vandenberghe, L. (2014). Psicoterapia Analítica Funcional feminista: possibilidades de um encontro. *Psicologia: teoria e prática, 16*(3), 18-29. http://dx.doi.org/10.15348/1980-6906/psicologia.v16n3p18-29

Fontana, J., & Laurenti, C. (2020). Práticas de violência simbólica da cultura de dominação masculina: uma interpretação comportamentalista. *Acta Comportamentalia: Revista Latina De Análisis Del Comportamiento, 28*(4), 499-515.

Freitas, J. C., & de Morais, A. O. (2019). Cultura do estupro: considerações sobre violência sexual,

feminismo e Análise do Comportamento. *Acta Comportamentalia: Revista Latina de Análisis de Comportamiento, 27*(1), 109-126.

Guerin, B., & Ortolan, M. O. (2017). Analyzing domestic violence behaviors in their contexts: Violence as a continuation of social strategies by other means. *Behavior and Social Issues, 26*, 5-26. DOI:10.5210/bsi.v26i0.6804

Kuratani, S. M. A., de Cerqueira, L. M. S., dos Santos Pereira, L. K., da Silva, R. S. M., & Mendes, A. C. A. (2022). A ética amorosa de bell hooks e a FAP: Interlocuções entre feminismo negro e clínica comportamental. *Perspectivas em análise do comportamento, 13*(1), 321-341. https://doi.org/10.18761/VEEM.019.nov21

Ipsaro, A. J. (1986). Male client–male therapist: Issues in a therapeutic alliance. *Psychotherapy: Theory, Research, Practice, Training, 23*(2), 257. https://doi.org/10.1037/h0085607

Myers, D. L. (1995). Eliminating the battering of women by men: Some considerations for behavior analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis, 28*(4), 493-507. https://doi.org10.1901/jaba.1995.28-493

Misra, A., Bryan, A., Faber, N. S., Pereira, D. P., Faber, S., Williams, M. T., & Skinta, M. D. (2023). A systematic review of inclusion of minoritized populations in randomized controlled trials of acceptance and commitment therapy. *Journal of Contextual Behavioral Science 29*, 122-130. DOI:10.1016/j.jcbs.2023.05.008

Mizael, T. M. (2019). Pontes entre o feminismo interseccional e a análise do comportamento. Em R. Pinheiro & T. Mizael (Orgs.) *Debates sobre feminismo e análise do comportamento*, 40-62. Imagine Publicações

Mizael, T. M., & Ridi, C. C. F. (2022). Análise do comportamento aplicada ao autismo e atuação socialmente responsável no Brasil: Questões de gênero, idade, ética e protagonismo autista. *Perspectivas em Análise do Comportamento, 13*(1), 054-068. https://doi.org/10.18761/VEEM.457613

Mussi, S. V., & Malerbi, F. E. K. (No prelo). Intervenções terapêuticas para pessoas trans baseadas na Análise do Comportamento. In. Catelan, R. F. & Sardinha, A. (Org.). *Manual de gênero e sexualidade na psicoterapia: fundamentos teóricos e intervenções clínicas*. Rio de Janeiro, RJ.

Mussi, S. V., & Malerbi, F. E. K. (2020). Revisão de estudos que empregaram intervenções afirmativas para LGBTQI+ sob uma perspectiva analíticocomportamental. *Revista Brasileira De Terapia Comportamental E Cognitiva, 22*(1). https://doi.org/10.31505/rbtcc.v22i1.1438

Neves, S., & Nogueira, C. (2004). Terapias feministas, intervenção psicológica e violências na intimidade: uma leitura feminista crítica. *Psychologica, 36, 15-32.*

Nicolodi, L. G., & Hunziker, M. H. L. (2021). O patriarcado sob a ótica analítico-comportamental: considerações iniciais. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento, 17*(2). http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v17i2.11012

O'Neil, J. M. (1982). Gender-role conflict and strain in men's lives: Implications for psychiatrists, psychologists, and other human-service providers. Em Solomon, K. Levy, N. B. (Orgs.) Men in Transition: Theory and Theraphy (pp. 5-44). Boston, MA: Springer US. https://doi.org/10.1007/978-1-4684-4211-3_2

Picoli, A. Aggio, N. M. & Zanello, V. (No prelo). A perspectiva de gênero na terapia analítico-comportamental: a importância do olhar gendrado sobre diferentes contingências e aprendizagens sociais.

Picoli, A. (2023) Estudo de estereótipos de gênero por meio do paradigma de equivalência de estímulos [dissertação de mestrado].

Pinheiro, R. D. C. D. S., & Oshiro, C. K. B. (2019). Variáveis de gênero que terapeutas devem estar atentas no atendimento a mulheres. Em R. Pinheiro & T. Mizael (Orgs.) *Debates sobre feminismo e análise do comportamento*, 220-243. Imagine Publicações.

Pleck, J. H. (1979). Men's family work: Three perspectives and some new data. *Family Coordinator*, 481-488 https://doi.org/10.2307/583508

Plessy, K. S., Long, A. C., & Kelley, M. L. (2018). The influence of race and income on community mothers' acceptance of child management methods. *Behavior therapy, 49*(5), 668-680. DOI:10.1016/j.beth.2017.12.011

Rabelo, L. Z., Bortoloti, R., & Souza, D. H. (2014). Dolls are for girls and not for boys: Evaluating the appropriateness of the Implicit Relational Assessment Procedure for school-age children. *The Psychological Record, 64*(1), 71-77. https://doi.org/10.1007/s40732-014-0006-2

Rocha Junior, J. E. G., Marques, N. S., & Oshiro, C. K. B. (2023). Potenciais efeitos da socialização masculina no desenvolvimento de habilidades terapêuticas. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 027-041. Volume Especial sobre Clínica e Cultura. https://doi.org/10.18761/vecc161022

Rogoski, B. N., Caldas, R. C. S., Souza Guevara, V.

L. D., Louzeiro, R., Vasconcelos, L. A., & Flores, E. P. (2024). Autism Activism Movement in Brazil: Contingency Analysis and the Pacto pela Neurodiversidade (Pledge for Neurodiversity). *Trends in Psychology*, 1-20. https://doi.org/10.1007/s43076-024-00398-9

Rosendo, A. P., & Melo, R. M. (2018). Transferência de função e reorganização de classes de equivalência relacionadas a gênero e profissões. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento 14*(1), 31-43. http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v14i1.7157

Ruiz, M. R. (1998). Personal agency in feminist theory: Evicting the illusive dweller. *The Behavior Analyst*, 21, 179-192. https://doi.org/10.1007/BF03391962

Ruiz, M. R. (2003). B. F. Inconspicuous sources of behavioral control: the case of gendered practices. *The Behavior Analyst Today, 4* (1), 12-16. DOI: 10.1037/h0100005

Saffioti, H. I. B. (1976). *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Vozes.

Sigmon, S. T., Pells, J. J., Edenfield, T. M., Hermann, B. A., Schartel, J. G., LaMattina, S. M., & Boulard, N. E. (2007). Are we there yet? A review of gender comparisons in three behavioral journals through the 20th century. *Behavior Therapy, 38*(4), 333-339. DOI: 10.1016/j.beth.2006.10.003

Skinner, B. F. (1953). Some contributions of an experimental analysis of behavior to psychology as a whole. *American Psychologist, 8*(2) 69-78. https://doi.org/10.1037/h0054118

Silva, G. J. T., & Arantes, A. (2019). Pioneiras: A história das primeiras mulheres na análise do comportamento no Brasil. Em R. Pinheiro & T. Mizael (Orgs.) *Debates sobre feminismo e análise do comportamento*, 16-39. Imagine Publicações.

Silva, E. C. & Laurenti, C. (2016). B.F. Skinner e Simone de Beauvoir: "a mulher" à luz do modelo de seleção pelas consequências. *Perspectivas em Análise do Comportamento, 7*(2), 197-211. https://doi.org/10.18761/pac.2016.009

Soffer, S. L., Mautone, J. A., & Power, T. J. (2007). Understanding girls with attention-deficit/hyperactivity disorder (ADHD): applying research to clinical practice. *International Journal of Behavioral Consultation and Therapy, 4*(1), 14. https://doi.org/10.1037/h0100828

Zamignani, D., & Meyer, S. B. (2011). Comportamentos verbais do terapeuta no sistema multidimensional para a categorização de comportamentos na interação terapêutica (SiMCCIT). *Perspectivas em análise do comportamento, 2*(1), 25-45. https://doi.org/10.18761/perspectivas.v2i1.47

Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Editora Appris.

Zin, G. O., Gama, V. D., & dos Reis, M. D. J. D. (2022). Self e transgeneridade: contingências sociais e controle aversivo na identidade e vivências de transgêneros binários. *Perspectivas em análise do comportamento, 13*(1), 007-024. DOI: 10.18761/DH000167.set21